A trajetória do homem

1934 Nasce em São Sebastião do Paraíso (MG).

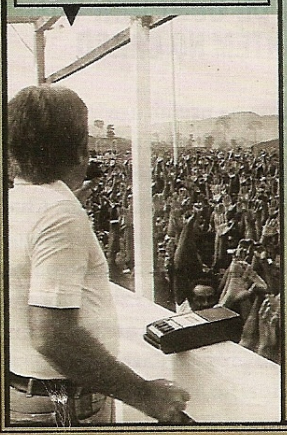
1964 Participa do golpe militar ajudando a prender um coronel em Três Corações (MG). Promove um julgamento de subversivos na cadeia de sua cidade natal.

1970 Indicado pelo general Olavo Vianna Moog, comandante militar do Planalto, ingressa no serviço de inteligência do Exército.

1972-1974 Como agente do Centro de Informações do Exército (CIE), é enviado ao Araguaia. Coordena a "Operação Sucuri", de inteligência, e participa das mortes de alguns dos principais líderes da guerrilha.

1977 Defende a invasão, em 12 de outubro, do Palácio do Planalto para derrubar o então presidente Ernesto Geisel, durante o tenso episódio da demissão do ministro do Exército, Sylvio Frota.

1980 Chega a Serra Pelada como interventor federal no garimpo.



1981 É enviado para combater um acampamento de trabalhadores rurais sem-terra no Rio Grande do Sul. Depois de um mês tentando minar o movimento, desiste. Sua derrota é tida como um marco na criação do MST.

1983 Graças à popularidade junto aos garimpeiros é eleito deputado federal pelo PDS.

1988 É fundado o município de Curionópolis.

1992 Candidato a deputado em 1990, afirma ter recebido 120 mil dólares do esquema PC Farias.

1993 É acusado de disparar contra dois adolescentes (um deles morreu) ao suspeitar que eles seriam os autores do roubo na sua chácara.

2000 É eleito prefeito de Curionópolis.

2005 Reeleito em 2004, tem o mandato cassado pelo TRE sob a acusação de compra de votos. Uma liminar o reconduz ao cargo.

2006 Em uma eleição conturbada, é derrotado e perde o controle da diretoria da Cooperativa dos Garimpeiros de Serra Pelada (Coomigasp). A derrota abre caminho para um pacto entre os demais grupos de garimpeiros e a retomada do processo de reabertura do garimpo, agora sem a participação de Curió.

a guerrilha", diz. A versão, no entanto, é desmentida pelo petista. "Não havia nenhum oficial do Exército na minha captura", afirma Genoíno.

OPERAÇÃO SUCURI

Curió foi enviado ao Araguaia dois anos depois de ter iniciado sua carreira como espião no DOI-Codi, em 1970. Já como agente do Centro de Informações do Exército (CIE), ele foi de fundamental importância na repressão a um grupo de militantes do PC do B no sul do Pará. Depois de duas operações fracassadas na região – a última delas envolvendo 3 200 homens, conhecida como "Manobrão" –, o então capitão Curió recebeu carta branca do Exército para montar e coordenar um sofisticado trabalho de inteligência na região. A ação, batizada de "Operação Sucuri", utilizou um efetivo de apenas 32 homens, que, disfarçados de posseiros, repassavam a ele as informações colhidas na mata.

Sob o codinome de doutor Luchini, Curió trabalhava disfarçado como engenheiro do Incra (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) no município de Araguaína, em Goiás, hoje Tocantins. "Cheguei num Fusquinha vermelho, arrumei uma namorada, a Helena, e aluguei uma casa no local mais insuspeito possível: entre o quartel da Polícia Militar e a zona", lembra. "Todas as noites, eu levantava uma telha, passava a antena pelo telhado e conversava com Brasília pelo rádio. De manhã, treinava futebol de salão no quartel da Polícia Militar, mas nem os policiais nem a namorada sabiam da minha verdadeira identidade", conta.

"No final da Operação Sucuri nós tínhamos mapeado todo o esquema da guerrilha, o que o Manobrão, com 3 200 homens, não conseguiu", gaba-se Curió.

Doutor Luchini ERA SEU CODINOME NO ARAGUAIA. "CONSEGUI O QUE 3 200 HOMENS NÃO CONSEGUIRAM"

Na fase seguinte, a de extermínio dos guerrilheiros, o prefeito afirma ter atuado nas operações que fizeram tombar os principais líderes do movimento, como o ex-deputado Maurício Grabois, seu filho André Grabois, além do lendário Osvaldo Orlando da Costa, o Osvaldão. Célebre, porém, ficou sua participação na morte da guerrilheira Lúcia Maria de Souza, a Sônia, em 24 de outubro de 1973, metralhada depois de atingir o coronel Lício Maciel com um tiro no rosto e Curió no braço.

Ele diz também ter participado da emboscada que culminou na morte das guerrilheiras Dinalva Oliveira Teixeira, a Dina, e Luiza Augusta Garlippe, a Tuca. A ação

Curió ao lado da temperamental primeira-dama, Vera Lúcia, 47 anos mais jovem *(no alto)*, durante a cerimônia diária de hasteamento da bandeira ao som do Hino Nacional na prefeitura *(à dir.)* e o que restou de Serra Pelada, o maior garimpo do mundo na década de 80

ocorreu na madrugada de 25 de julho de 1974 em Marabá. "Elas estavam tentando fugir da região e eu comprei de um mateiro o relógio que Dina estava tentando vender para financiar a fuga." Depois, Curió diz ter combinado com ele a hora e o local da emboscada: à meia-noite na ponte sobre o rio Itacaiúnas. O major afirma ter atirado em Dina, que tinha 29 anos, enquanto um tenente teria matado Tuca, 34 anos. Ambas foram, segundo ele, as últimas militantes a tombar na guerrilha.

AMOR JUVENIL

A truculência nas ações do Araguaia contrasta com sua delicadeza no trato com sua atual mulher, Vera Lúcia, de 25 anos. "Quando a conheci, ela tinha apenas 14 anos, mas só tive coragem de me declarar cinco anos depois", revela. Em 2001, Curió deixou a primeira esposa, Lourdes, para ficar com Vera. Descendente de índios e filha de um garimpeiro de Serra Pelada, a primeira-dama é 47 anos mais nova do que o marido, com quem tem um filho, Heitor, de 6 anos.

Vera acompanha o prefeito em praticamente todos os atos oficiais e, ainda que não demonstre autoridade sobre o marido, está longe de ser uma figura nula ao seu lado. Foi ela quem convenceu Curió a freqüentar os cultos da Assembléia de Deus e, quando ele foi afastado por três dias do cargo pela Justiça Eleitoral, fez a promessa de "não usar tantas jóias" caso retomasse o posto. Graça alcançada, Vera hoje anda sem brincos. Certa feita, ao saber "por uma informante" que havia uma mulher no gabinete com o marido, dirigiu-se à prefeitura com uma arma em punho. Ainda do lado de fora do prédio, um auxiliar do prefeito gastou duas horas até convencê-la a largar o revólver e voltar para casa.

A cena de ciúme da primeira-dama parece tão surreal quanto a quase-invasão do Palácio do Planalto, da qual o próprio Curió afirma ter sido protagonista em 1977. O prefeito conta que, quando o então ministro linha-dura do Exército, Sylvio Frota, informou a um grupo de militares que estava se desentendendo com o presidente Ernesto Geisel, ele teria dito ao chefe: "O senhor me dá a ordem, e eu invado o Planalto". Frota não aceitou o conselho do major e foi demitido no mesmo dia.

Ao narrar esse e outros eventos, como o que teria atirado no seqüestrador de um Boeing no aeroporto de Brasília em 1976, Curió se coloca sempre como protagonista. Mas há quem duvide de que ele tenha desempenhado papéis tão relevantes. Jarbas Passarinho, coronel da reserva, senador e três vezes ministro durante o regime militar, por exemplo, afirma que quem quis se rebelar contra Geisel naquele 12 de outubro foram alguns generais ligados ao ministro Sylvio Frota. "O ministro jamais iria receber uma orientação dessa natureza de um major", afirma.

SERRA PELADA

A lenda em torno do major Curió começou a ganhar força em 1980, quando ele foi designado interventor pelo governo militar no garimpo de Serra Pelada. A versão mais comum, avalizada pelo próprio Passarinho, dá conta de que ele teria sido escolhido por conhecer bem a região, pouco depois de sua atuação na Guerrilha do Araguaia. "Fui eu quem propôs a oficialização do garimpo de Serra Pelada. Era uma maneira de combater o crescimento da esquerda no sul do Pará", afirma o major.

É verdade, no entanto, que Curió gozava da intimidade do então presidente João Baptista Figueiredo (1979-1985).